



<https://doi.org/10.51880/ho.v29i1.1573>



Dois tempos, uma história, muitas memórias

Caroline Westerkamp Costa*

ORCID Id 0009-0005-2442-7396

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

Flávia Garcia Guidotti*

ORCID iD 0000-0002-8974-1256

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

Resumo: Este artigo traça um panorama histórico da realização de documentários no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) 1982 entre 1982 e 2021, passando pelas fases mais significativas da sua produção e seu fortalecimento enquanto prática dentro do curso. Baseado na história oral, o trabalho objetiva refletir sobre as memórias e experiências de professores e estudantes obtidas na produção de documentários, investigando como este produto jornalístico é produzido nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). O estudo evidenciou que a produção documental em TCCs no curso de Jornalismo da UFSC pode ser dividida em dois períodos: o Tempo da Comunicação Social e o Tempo do Jornalismo, demonstrando que os documentários produzidos ao longo das décadas refletem tanto as mudanças estruturais e pedagógicas do curso quanto as transformações no próprio jornalismo. Além disso, a pesquisa identificou três aspectos centrais na trajetória desses TCCs: a intencionalidade de memória, que fortalece a preservação histórica e cultural; o processo criativo, que oscila entre a reportagem tradicional e a linguagem documental; e a necessidade de uma disciplina específica para capacitar os estudantes na realização de documentários, dado o crescente interesse pelo formato.

Palavras-chave: Jornalismo; documentário; memória; história oral; TCCs.

Two times, one story, many memories

Abstract: This article is an excerpt from the master's thesis that outlined a historical overview of the making of documentaries in the Journalism course at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) since 1982, going through the most significant phases of its production and its strengthening as a practice within the course. Based on Oral History, we aim to reflect on the memories and experiences of teachers

* Mestre e doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) , com orientação da Prof. Dra. Flávia Guidotti. E-mail: westerkamp@gmail.com.

* Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: flavia.guidotti@ufsc.br.

and students obtained in the production of documentaries, investigating how this journalistic product is produced in Course Conclusion Papers (CCPs). The study showed that documentary production in CCPs in the UFSC Journalism course can be divided into two periods: the Time of Social Communication and the Time of Journalism, demonstrating that the documentaries produced over the decades reflect both the structural and pedagogical changes in the course and the transformations in journalism itself. Furthermore, the research identified three central aspects in the trajectory of these CCPs: the intentionality of memory, which strengthens historical and cultural preservation; the creative process, which oscillates between traditional reporting and documentary language; and the need for a specific discipline to train students in making documentaries, given the growing interest in the format.

Keywords: Journalism; documentary; memory; Oral History; CCPs.

Introdução

O documentário tem sido a escolha de muitos profissionais e estudantes de diversas áreas do conhecimento, que nele encontram um poderoso instrumento para contar suas histórias. No curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o aumento desse tipo de audiovisual em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) cresceu 300% entre 2011 e 2021, se comparado à primeira década do curso, de 1982 a 1992. Esse dado nos instigou a pensar no processo de realização de documentários que tem proporcionalmente ultrapassado a produção de videorreportagens, comumente associadas ao trabalho do repórter/jornalista. Neste sentido, a pergunta que norteou a pesquisa foi: Sendo o Trabalho de Conclusão de Curso uma oportunidade de “consolidar a experiência do(a) aluno(a) em relação aos diversos conhecimentos adquiridos durante o Curso” (UFSC, 2025, p. 1), **como ocorreu a realização de documentários em TCCs no curso de Jornalismo da UFSC?**

O **objetivo** deste artigo foi evidenciar características acerca da produção do documentário dentro do curso a partir de memórias de expressão oral de egressos e professores. Para este caminho, após um levantamento prévio que considerou toda a produção audiovisual em TCCs de Jornalismo da UFSC, utilizamos como **objeto empírico** o acervo de vídeos produzidos contendo **314 trabalhos** no decorrer do curso, de 1982 até 2021. Buscamos na pesquisa histórica guiada pelas memórias de expressão oral desenvolver uma narrativa que ajudasse a falar com o público da instituição acadêmica, também na posição de ouvinte, ouvindo o outro e falando com ele e não para ele, como nos ensinou Paulo Freire (1996).

Nesta pesquisa, adotamos a noção de documentário como “tratamento criativo da realidade” (Grierson, 1930 *apud* Salles, 2004), adaptando esse conceito por entender que o TCC é um produto jornalístico atravessado por um processo criativo, que deve equilibrar as fontes da notícia com a maneira que o estudante enxerga a realidade. Assim, não temos a pretensão de resolver a questão da videorreportagem *versus* documentário,

nem prescrever um manual rígido que diferencie os dois, mas agregar possibilidades a uma história em aberto, a história do documentário no curso de Jornalismo da UFSC.

História oral e sua aplicação no campo do Jornalismo

A pesquisa aborda as histórias de pessoas que compartilharam tempos e espaços dentro da universidade, revelando assim o movimento na produção de TCCs em documentário no curso de Jornalismo da UFSC. Conforme José Carlos Sebe Meihy (1998), para ser considerada método, a história oral precisa ressaltar as entrevistas como o elemento central da pesquisa e, por meio dela, efetivar os resultados. Inicialmente, optamos por metodologias integradas – oral e bibliográfica – fontes primárias para a pesquisa. Em um segundo momento, também recorremos aos próprios documentários (ou TCCs), produzidos pelos estudantes. Ainda assim, na dissertação de mestrado que deu origem a este artigo, a memória e a experiência de vida de professores e estudantes de jornalismo foram utilizadas como matéria-prima essencial.

Segundo Paul Thompson, a pesquisa que enfoca nas raízes históricas de alguma preocupação contemporânea, demonstrará muito bem a importância do estudo histórico para o meio ambiente imediato, pois além de transformar os “objetos” de estudo em “sujeitos”, ela contribui para uma história mais rica, mais viva e mais comovente (Thompson, 1992).

Foram coletados, organizados e categorizados entre julho de 2021 e novembro de 2021 um total de 314 TCCs em vídeo, sendo 165 documentários, 89 videoreportagens e 60 outros tipos de vídeo. As videoreportagens e documentários dos quais tive acesso, foram assistidos na íntegra entre o período de dezembro de 2021 a setembro de 2022, sendo realizadas anotações gerais sobre cada trabalho.



Figura 1 – QR Code de acesso ao mapeamento completo (1982-2021).
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Em seguida foram realizadas entrevistas semiestruturadas contendo 10 perguntas relativas à temática e a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSC, especificamente para este fim. A gravação dos depoimentos ocorreu entre os meses de junho e setembro de 2022 e contou com a participação de quatro professores e nove estudantes egressos. As entrevistas foram transcritas e trabalhadas a partir das abordagens da história oral. Para a seleção dos colaboradores é necessário, segundo Meihy (1998), o estabelecimento de uma colônia, ou seja, uma coletividade que possui uma experiência em comum, sendo na sequência estabelecida uma rede (subdivisão da colônia) por meio das suas características mais particulares. Por ser difícil estabelecer prioridades para a escolha dos entrevistados, o autor sugere que seja definida uma entrevista chamada de ponto zero. O ponto zero seria o entrevistado que conhece a história geral do assunto e que pode indicar outras pessoas que fazem parte da colônia. Nesta pesquisa, a colônia representa integrantes do curso de Jornalismo da UFSC e as redes foram criadas a partir da subdivisão dos colaboradores entre professores e alunos. O ponto zero da pesquisa foi o professor Fernando Crocomo, escolhido tanto por sua trajetória como discente do curso quanto como professor ligado ao audiovisual desde os anos 1990. No entanto, para escolha das outras fontes que tratava-se de professores, foi utilizado o critério quantitativo de número de orientações, ou seja, os professores que mais orientaram documentários ao longo dos 40 anos de curso foram convidados para colaborar com a pesquisa. Entre os estudantes, a escolha buscou seguir uma regra de representatividade temporal, onde foram escolhidos para colaborar com a pesquisa ao menos um estudante (egresso) de cada década do curso a fim de contemplar todo o período histórico trabalhado.

Como o recorte de pesquisa era relativamente grande, pois contemplava os anos entre 1982 e 2021, foi necessário adotar um marco temporal significativo na história do curso a fim de facilitar a análise do extenso *corpus*. Para isto, utilizamos como corte o ano 2000, quando o curso de Comunicação passa a ser designado como curso de Jornalismo. Neste sentido, as categorias analíticas foram definidas *a priori* utilizando dois tempos históricos:¹ Tempo da Comunicação Social (até o ano 2000) e Tempo do Jornalismo (depois de 2000) para descrever como o documentário foi realizado e percebido dentro do curso em fases distintas da sua história. Depois de tratados, os dados passaram pela fase de interpretação guiada pela **história oral híbrida**, quando fontes de naturezas diversas são confrontadas com intuito analítico.

Contudo, a técnica não obriga esta contraposição, pois o que se busca não são verdades objetivas, mas versões que darão sentido histórico à produção de documentários ao longo dos 40 anos do curso de Jornalismo da UFSC.

1 O tempo empregado nas pesquisas históricas é chamado de “tempo histórico”, diferente do tempo cronológico, que utiliza medidas exatas como os calendários e as datas, por exemplo. O tempo histórico leva em consideração eventos de curta (imediate), média (conjuntural) e longa (estrutural) duração para organizar a narrativa histórica.

O lugar do documentário no curso de Jornalismo da UFSC

Se jornalismo e documentário tiveram suas histórias entrelaçadas em diversos períodos e âmbitos ao longo dos anos (Nichols, 2005; Bezerra, 2014), na Universidade Federal de Santa Catarina não foi diferente. O curso de Cinema da UFSC tem uma conexão histórica profunda com o curso de Jornalismo, pois de acordo com seu projeto pedagógico (UFSC, 2005), no antigo curso de Comunicação Social da UFSC, que vigorou até o ano 2000, o Jornalismo era uma habilitação e o Cinema uma área complementar.

Maurício Frighetto (2016), tratando do fenômeno social e cultural que ocorreu dentro do curso de Comunicação/Jornalismo da UFSC e a demarcação do subcampo acadêmico do Jornalismo, concentrou suas análises especialmente no que se refere à pedagogia do jornalismo no curso. O pesquisador analisou como, historicamente, se manifestou o conflito em torno do projeto pedagógico no curso de Jornalismo da UFSC.

O conflito marcou a história do Curso de Jornalismo da UFSC e foi resolvido não com um equilíbrio de forças, mas com a saída de um dos grupos, cujos professores buscaram novos rumos profissionais em áreas como Antropologia, Cinema e Educação. Então se consolidou o projeto pedagógico do curso específico em Jornalismo, mais próximo do campo do Jornalismo, que culminou com a mudança do nome do curso e do departamento de Comunicação Social para Jornalismo e na criação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. [...] É possível pensar que, no Curso de Jornalismo da UFSC, o ‘conflito das faculdades’ nos anos 1990 e 2000 foi um embate entre professores que estavam mais próximos de dois campos diferentes: o acadêmico da Comunicação e o do Jornalismo. (Frighetto, 2016, p. 210-212).

Aproveitando o ensejo da regulamentação da profissão de jornalista em 1969, o setor jornalístico de Santa Catarina começou a discutir a implantação do primeiro curso de Jornalismo do estado na Universidade Federal, criada em 1960. Após um movimento iniciado em 1974, o reitor Caspar Erich Stemmer criou, em 30 de junho de 1978, o curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo para iniciar no ano seguinte. Segundo Frighetto (2016), até 1996, os projetos pedagógicos dos cursos de graduação do Brasil eram elaborados a partir de currículos mínimos que foram substituídos por diretrizes curriculares a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (1996).

Ainda de acordo com a dissertação de Maurício Frighetto (2016), foi no final dos anos 1980 que começaram os conflitos internos entre os professores sobre como deveria ser a formação dos estudantes. A ideia de estruturar um curso específico em Jornalismo se consolidou nos anos 2000, culminando com a mudança do nome do curso, com a mudança do nome do departamento de Comunicação Social para Jornalismo e, mais tarde, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR).

Em 1988, então, o curso optou por enfatizar o Jornalismo em detrimento da Comunicação e dispensou a implantação de novas habilitações.

A mudança do nome do curso ocorreu em 2000 e do departamento, em 2002, de Comunicação Social para Jornalismo. Nos termos da Resolução nº 1/2013, do Conselho Nacional de Educação da Câmara de Educação Superior (CNE/CES), que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, o curso de Jornalismo da UFSC elaborou o “Regulamento para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)” (UFSC, 2025).

Os TCCs do curso de Jornalismo da UFSC são realizados durante o último semestre da graduação, na disciplina JOR6802 - Trabalho de Conclusão de Curso, com 216 h/a (12 créditos).² Na fase anterior, os estudantes desenvolvem os projetos de TCC na disciplina JOR 6708 - Planejamento de TCC, com 36 h/a (2 créditos).³ Neste processo, os estudantes optam por uma das três modalidades de trabalho: Prática de Pesquisa, trabalhos de Prática Editorial Jornalística e Prática de Projetos Comunicacionais e jornalísticos em suas mais diversas modalidades, estipulados pelo Regulamento da UFSC. Das três modalidades de TCC em Jornalismo admitidas no curso da UFSC, o documentário em vídeo situa-se em Práticas Editoriais, onde

[...] deverá entregar o produto escolhido (periódico impresso, periódico online, grande reportagem em texto/ vídeo/áudio, livro, documentário, programas de rádio/áudio, produtos multimídia, entre outros), acompanhado de um relatório de caráter técnico-acadêmico, no qual deve constar: justificativas quanto à relevância da pauta, escolha da mídia, opções tecnológicas, gráficas e estilísticas e outras; descrição e fundamentação do processo produtivo, com detalhamento técnico e crítico sobre a apuração, as fontes, a redação, a gravação, a estrutura empregada e a desenvolvida no TCC, a edição, a diagramação, os equipamentos, os recursos e o tempo gastos, as dificuldades, as soluções para impasses e os aprendizados; referências bibliográficas; anexos tais como: roteiro, entrevistas completas, projeto gráfico ou outros itens definidos pelo orientador(a) ou pelos(as) professores(as) das disciplinas JOR6708 e JOR6803 (UFSC, 2025).

O documentário em vídeo, situado dentro de Práticas Editoriais, é produzido paralelamente ao de outros produtos jornalísticos admitidos, como reportagens em texto, reportagens em áudio, reportagens em vídeo, foto documental, livro-reportagem e tantos outros trabalhos finais. Desta forma, o documentário passou a ocupar formalmente um determinado lugar que já vinha sendo requerido pelos alunos muitos anos antes.

2 Dados relativos ao novo currículo do curso de 2020/1. Nos currículos anteriores (2016/1 e 1996/1) a disciplina se chamava Projetos Experimentais e previa 270 h/a.

3 Dados retirados no novo currículo do curso de 2020/1. Nos currículos anteriores (2016/1 e 1996/1), a disciplina se chamava Técnicas de Projetos em Comunicação e previa 36 h/a.

A gente nunca pensou em grande reportagem, nem passou pela nossa cabeça porque para nós havia uma essência de transgressão que a autoria presente no documentário nos fundamentava, nos fortalecia. Então essa autoria é que nos embalou no processo de escolha. A gente nunca quis fazer um material que já estivesse estabelecido em um *frame*, que é essa moldura que a reportagem tem, digamos assim. Para mim o documentário tem que ter essa essência da criação, da autoria, bem demarcado (Viviane Peixe, 2022, egressa de 1997).

Considerando o que foi caracterizado pelos estudantes em seus respectivos relatórios e a partir do cruzamento de quatro bancos de dados,⁴ chegamos a quantidade de 165 TCCs que foram apresentados como documentários, indicados no mapeamento⁵ com a cor laranja, e 89 TCCs nomeados como videorreportagens, indicados no mapeamento com a cor verde. Houve ainda 60 TCCs que foram codificados num segundo mapeamento⁶ como “Outros” e indicados na cor azul, abrangendo filmes de ficção, experimentais, canais de YouTube, reportagens multimídia, programas de TV, institucionais e educativos, totalizando 314 TCCs de Jornalismo em vídeo, no período de 1982 a 2021.

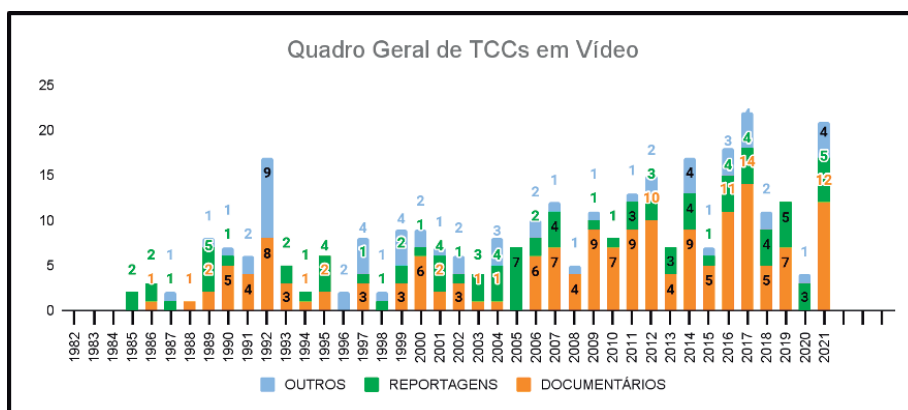


Gráfico 1 – Quadro geral de TCCs em vídeo (1982-2021).
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

O gráfico reflete o mapeamento realizado ano a ano e mostra a evolução da produção de vídeos em TCCs de Jornalismo da UFSC. Se nos concentrarmos nos

- 4 Repositório Institucional, Hemeroteca, LabTele, Cartazes de Bancas do curso de Jornalismo UFSC, disponíveis no “Relatório Final: inserção dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) do Curso de Jornalismo da UFSC no Repositório Institucional (digital) da Biblioteca Universitária” (Silva, 2020).
- 5 O mapeamento de documentários e reportagens em vídeo está disponível no Apêndice 1 do documento acessível pelo QR Code da Figura 1.
- 6 O mapeamento de outros tipos de vídeos em TCCs está disponível no Apêndice 2 do documento acessível pelo QR Code da Figura 1.

documentários, veremos que desde 1982 foram produzidos e nomeados como tais 165 documentários em TCCs. O ano com maior incidência de documentários foram os anos de 2017 e de 2021, com 14 e 12 produções, respectivamente.

O primeiro TCC definido como documentário em vídeo do curso de Jornalismo foi produzido por Isabel Orofino em 1986, realizado nos estúdios da antiga TV Executiva da Telecomunicações de Santa Catarina (Telesc). O trabalho intitulado “Santo de Casa: documentário sobre Franklin Cascaes”, trata da história de Franklin Cascaes, antropólogo e pesquisador da cultura açoriana em Florianópolis.



Figura 2 – Primeiro documentário em vídeo realizado no curso (1986).
Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

Já a primeira reportagem em vídeo produzida no curso, foi feita um ano antes, em 1985, pela aluna Adriana Althoff Gevaerd, uma biografia retratando a vida e a história de João Jeca, único morador da Ilha dos Corais, que dá nome ao TCC.



Figura 3 – Primeira reportagem em vídeo realizado no curso (1985).
Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

Era muito comum o documentário como história, talvez hoje a gente esteja vendo que existam outros formatos de documentário que não só pela questão histórica. Na maioria eu acho que o documentário entrou ali tradicional mesmo porque tinha um apelo histórico. Às vezes os alunos colocavam no relatório o que eles achavam. Hoje eu me atento mais para isso, até porque hoje tem uma diversidade maior de tipos de vídeo e de formatos (Fernando Crocomo, 2022, professor).

Eu acho um pouco difícil você classificar ou categorizar, mas acho que a essência é o registro histórico ou circunstancial, se for um tema contemporâneo, restrito ao objeto retratado (Áureo Moraes, 2022, professor).

O mapeamento⁷ evidencia que ao longo da produção de documentários feitos no curso de Jornalismo da UFSC, 46,7% apresentaram uma intenção de memória e abordagem histórica, ou seja, tinham o desejo de fazer o uso do passado para construir suas narrativas. Assim, chegamos a quantidade de 77 TCCs que possuem o caráter documental histórico e de produção de memória, intencionalmente.

Mesmo que você vá trabalhar com algo que já aconteceu do passado, do ponto de vista do jornalismo, você reconta essa história ou por testemunhas ou por reconstituições históricas que podem ser por desenho animado, por fotografia. Mas você está sempre fundado naquela perspectiva do real, do acontecido ou da busca mais próxima daquela realidade ou da daquele acontecimento, então você ainda está com o pé no jornalismo e nessa perspectiva você faz reportagem, você ainda é repórter (Cárlida Emerim, 2022, professora).

Eu acho que é uma questão de tempo também. A gente nunca discutiu muito a questão do documentário, a gente sempre discutiu mais a reportagem. O documentário é aberto e várias pessoas de várias áreas se apropriaram do documentário. Já reportagem é uma coisa muito do jornalismo, já está consolidada no jornalismo (Fernando Crocomo, 2022, professor).

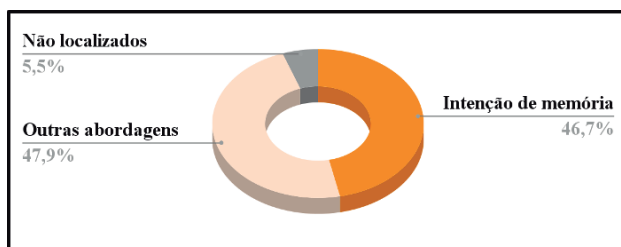


Gráfico 2 – Intenção de memória nos documentários de 1982 a 2021.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

7 Para acesso ao mapeamento completo, acessar QR Code disponível na Figura 1.

Parece que estes produtos que eles fazem em formato de documentário são produtos que podem ser atraentes por um tempo muito maior, então como ele não é tão factual ele acaba tendo esse rompimento com os fatos que estão acontecendo agora e se tornam muito mais facilmente História com o passar dos anos (Flávia Guidotti, 2022, professora).

O que acontece muitas vezes é que ao longo do curso os alunos da UFSC, como eles têm muita experiência com produção audiovisual, eles chegam no TCC querendo fazer algo diferente e aí vem a proposta documentário como algo antagônico da reportagem ou algo que lhe dá uma liberdade diferenciada da reportagem (Cárlida Emerim, 2022, professora).

[...] e é engraçado porque isso no audiovisual é um pouco discriminado mas no texto não, inclusive as disciplinas de redação dentro do curso ao longo dos semestres vão ficando mais flexíveis, mas opinativas, mais criativas, mais literárias e parece que o audiovisual tem um certo bloqueio de caminhar, de fazer esse percurso para o mais criativo, para o mais autoral, para o que é diferente (Flávia Guidotti, 2022, professora).

Os estudantes do curso de Jornalismo da UFSC têm a possibilidade de desenvolver seus produtos finais abordando quaisquer temas. A abordagem temática dos trabalhos de conclusão são heterogêneos, passando por questões trabalhistas, problemas sociais, comportamentos, arte, cultura, questões étnicas e raciais, questões de gênero e diversidade, política, saúde, esporte, pautas internacionais, educação, marginalidade, entre outros.

Os temas são variados mas existe uma tendência grande de falar sobre temáticas LGBTQIA+, esse tema aparece mais nos últimos anos. A questão das mulheres também. Acho que gênero é uma coisa que tem predominado nos últimos anos, tanto nos que eu tenho orientado quanto nas bancas que eu tenho participado. Acho que isso tem muita relação também com o momento político que acontece aqui dentro do nosso curso, que é depois do surgimento do Coletivo Jornalismo Sem Machismo e da inserção da disciplina que primeiro começou optativa e depois obrigatória que é a disciplina Jornalismo e Gênero [JOR6128] (Flávia Guidotti, 2022, professora).

A Política de Ações Afirmativas (PAA) foi instaurada no Jornalismo da UFSC a partir de 2008, o que possibilitou uma diversidade maior dentro do curso. Segundo a reportagem especial de 40 anos “Um curso pioneiro” – escrito pelas estudantes Mahara Aguiar e Sofia Dietmann –, até 2007 apenas seis estudantes negros passaram pelo curso.

Outro movimento importante dentro da graduação em Jornalismo iniciado pelas próprias discentes foi a criação do Coletivo Jornalismo sem Machismo (CJSM). A partir

de uma roda de conversa sobre o machismo instaurado no curso e na profissão, cerca de 30 alunas sentiram a necessidade de um espaço para reagir a certas situações recorrentes e, juntas, realizaram a primeira ação do coletivo, escrevendo e colando cartazes com declarações que ouviam de determinados alunos e determinados professores. A ação de maior repercussão do CJSM foi a solicitação da criação da disciplina Jornalismo e Gênero, que começou como disciplina optativa a partir do primeiro semestre de 2016 e no ano seguinte passou a integrar o currículo obrigatório sob a docência da professora Daiane Bertasso.

Busquei, junto aos colaboradores docentes, informações quanto às ações de ensino e extensão voltadas especificamente para os documentários dentro do curso da UFSC.

Não, eu não trabalho com documentário. Eventualmente, você pode ter uma unidade ou outra que fale de gêneros televisivos, mas eu trabalho com história, telejornalismo, conceito da linguagem e me concentro muito na etapa da produção da notícia, no clássico: pauta, reportagem e telejornal (Áureo Moraes, 2022, professor).

Eu criei uma disciplina para tentar clarear o que é documentário e o que é reportagem, para assistir e analisar documentários e reportagens, já dei várias vezes essa disciplina, o nome da disciplina era Tópicos Especiais. Depois foi criada uma disciplina fixa opcional Documentário e Jornalismo [JOR6019], talvez eu ofereça agora [em 2022] de novo (Fernando Crocomo 2022, professor).

É muita oferta, é muita coisa para ver, então, como esses jovens consomem muito conteúdo dessa maneira, eu imagino que eles queiram produzir isso também nos seus TCCs finais, é uma tendência. [...] Eu acho que vai ser inevitável nós inserirmos uma disciplina obrigatória que consiga dar conta dessa grande demanda dos alunos por produção de outros formatos audiovisuais além da videorreportagem (Flávia Guidotti, 2022, professora).

A disciplina optativa mencionada pelos professores se chama Documentário e Jornalismo [JOR6019], que apesar de existir desde o currículo de 1996, só foi ofertada com esse nome duas vezes⁸ no decorrer da história do curso de Jornalismo da UFSC. A ementa aborda a estrutura, formas de construção narrativa e produção de documentários audiovisuais para diferentes suportes e tem carga horária de 72 horas/aula. No conteúdo são tratados conceitos como notícia, reportagem, documentário, ausência e presença de off, apuração, produção, direitos autorais e edição. Estiveram à

⁸ Informação fornecida e confirmada pelo Departamento de Jornalismo da UFSC em 12 de janeiro de 2022. No segundo semestre de 2022 a disciplina foi oferecida mais uma vez pelo professor Fernando Crocomo, no entanto não entrou no recorte temporal da pesquisa. Durante o curso existiram outras disciplinas optativas de cinema, reportagem em vídeo, comunicação e afins que estabeleciam diálogo com o documentário chamadas de Tópicos Especiais.

frente dessa disciplina os professores Fernando Antônio Crocomo (Semestre 2017/1) e Antônio Cláudio Brasil (Semestre 2018/2). Foi verificado que dos 50 acadêmicos que passaram pela disciplina, 14 deles optaram por realizar documentários em seus TCCs, oito realizaram reportagens em vídeo, dois estudantes produziram programas de TV e os demais optaram por outros formatos não audiovisuais.

A partir desta breve apresentação, dividimos a produção de documentários em dois tempos históricos: Tempo da Comunicação Social e Tempo do Jornalismo, onde pretendemos apresentar a produção de documentários desses períodos de maneira mais específica, destacando as principais características, memórias e experiências dos colaboradores da pesquisa (professores e egressos), além das análises sobre cada época no que se refere à produção de documentários em TCCs.

TCCs no Tempo da Comunicação Social [1986-2000]

Em meio a ditadura militar que governou o Brasil de 1964 a 1985, o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo foi criado, em 1979. Na época, a estrutura física contava com três salas de aula no prédio que é atualmente ocupado pela Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC e só em 1981 passou para o espaço que se mantém até hoje, o Bloco A do Centro de Comunicação e Expressão (CCE). Tratando-se de infraestrutura para a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso em vídeo, muita coisa mudou de lá para cá. O egresso Mhanoel Mendes, da turma de 1986, e os professores Áureo Moraes e Fernando Crocomo, que se formaram no curso em 1987 e 1988, respectivamente, puderam acompanhar essa evolução técnica e tecnológica.

No curso de Jornalismo nós não tínhamos uma ilha de edição de telejornalismo, não tínhamos laboratório. Então quando nós íamos treinar, nós íamos para a Telesc, onde hoje é a Oi [atualmente o local é ocupado pela Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc)]. Na época, a gente tinha um laboratório de rádio, meia boa, mas tínhamos. Tínhamos uma sala de redação com um monte de máquina de escrever [risos] (Mhanoel Mendes, 2022, egresso de 1986).

[...] a gente tinha um Laboratório de Radiojornalismo minimamente estruturado, na época analógico, gravadores de rolo, uma mesa, dois microfones, eu diria que era aceitável, mas precário. E tinha uma área de fotografia com toda a estrutura para fotografia analógica também, mas era carente de máquinas, então a nossa formação desse ponto de vista era muito restrita, as opções de produção de TCC também eram muito restritas (Áureo Moraes, 2022, professor).

Quando eu estudei aqui no curso não tinha equipamento de vídeo. Os equipamentos de vídeo só chegaram no ano em que eu me formei [1988] e aí já não dava mais tempo. A partir daí é que se montou o Laboratório de Vídeo. Mas eu lembro de ter tido uma aula só em que a universidade fazia o convênio com as emissoras locais. Eles vinham um dia para cá e a gente saía com a câmera e voltava (Fernando Crocomo, 2022, professor).

Os TCCs em vídeo mais antigos foram produzidos ou através dessas parcerias ou utilizando os equipamentos da emissora onde os próprios estudantes já trabalhavam, pois o curso não possuía nenhum equipamento de vídeo. Foi em 1988 que chegaram as primeiras máquinas U-Matic da Sony, possibilitando a estruturação de um laboratório para o curso de Jornalismo da UFSC, que foi inicialmente chamado de Laboratório de Telejornalismo. Os primeiros TCCs finalizados no laboratório próprio do curso foram “Aos 12 minutos do primeiro turno”, da estudante Clarissa Machado; “Turismo e miséria na ilha da magia”, de Rosangela Bion; “É hora do milagre”, de André Rohde, além do curta ficcional “Balanço bruxólico” de Maria Cristina Yoshizato, todos de 1989.



Figura 4 – Documentário “O sem-teto nativo” (1989).
Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

Eu entrei como professor substituto em 1996. Depois entrei como professor efetivo em 1998. Nessa época, esses equipamentos de 1988 já estavam chegando no fim da linha, eram muito pesados e estavam dando problema, quebrando bastante (Fernando Crocomo, 2022, professor).

Eu acabei me formando e não acompanhei no período em que estava de fora, mas quando eu voltei, em 1993, já dispúnhamos de um espaço com câmeras de VHS, com edição com sistema videocassete, praticamente artesanal. A gente gravava com o super VHS, e capturava em disquete (Áureo Moraes, 2022, professor).

O laboratório também já tinha adotado o sistema SVHS e foi aí que a gente procurou a questão dos equipamentos digitais, queríamos experimentar a edição no computador, quando chegou um único equipamento da Apple, um Quadra 950 da Mac. O *software* de edição se chamava Media Composer e o sistema era Avid numa máquina da Apple que era muito boa por sinal e ajudou a fazer vários TCCs (Fernando Crocomo, 2022, professor).

De acordo com a dissertação do professor Fernando Crocomo (2001), foi através de um projeto desenvolvido com recursos destinados a vídeos educativos, em 1995, que o curso conseguiu adquirir uma estação de edição não-linear,⁹ uma revolução tecnológica para a época. Viviane Peixe, estudante do curso entre 1993 e 1997, viu as transformações da metade para o final da sua graduação, com a instalação de computadores que substituíram as máquinas de escrever nas aulas de redação.

[...] Olha, no curso a gente pegou primeiro máquinas de escrever, de datilografia mesmo. Depois chegaram os computadores e aí, várias descobertas. Na sala de rádio, a edição era de fita, tinha umas fitinhas que tinham que voltar e juntar as partes. Na ilha de TV você tinha fitas Betamax. Mas quando chegou o momento do nosso TCC, foi a primeira vez que a gente estava numa ilha de edição digital. Então no curso já tinha recursos técnicos e ainda chegou essa tecnologia que a gente não esperava. Foi tudo muito inovador, embora o processo de edição para o aluno que estava se formando era igual, mas para o Roger [editor de vídeo] mudou tudo porque agora ele não precisava colocar tudo na ordem certa, fita 1, fita 2 (Viviane Peixe, 2022, egressa de 1997).

Como comentado, a princípio o laboratório foi chamado de Laboratório de Telejornalismo. No período de 1995 até 1999, o laboratório foi denominado de LabVídeo e a partir de 2000 passou a ser chamado definitivamente por LabTele (Laboratório de Telejornalismo). Os técnicos que operavam câmeras e computadores eram contratados pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária

9 Na edição não linear, o vídeo é convertido de formato analógico para formato digital e pode ser facilmente modificado pois é visualizado e editado na tela do computador de maneira não-linear, com a escolha das cenas na ordem desejada, com a possibilidade de trocas de cenas, inserções e efeitos. Antes disso, o processo era feito de maneira linear com o uso de videotapes com duas máquinas, uma que reproduzia e outra que gravava cada trecho um depois do outro, de maneira linear, ou seja, os filmes eram cortados e depois colados na sequência do roteiro e para refazer uma edição era preciso gravar todas as cenas em sequência a partir do ponto alterado.

(Fapeu). Tratava-se de cinegrafistas e editores de imagens¹⁰ à disposição do laboratório.



Figura 5 – Laboratório de Vídeo (1998).
Fonte: Fernando Crocomo (Arquivo pessoal).

Antigamente, a UFSC tinha vários funcionários que eram contratados via fundação e depois aos poucos foi sendo proibido ter funcionário da fundação. Era uma máquina só, era um funcionário só, **mas a gente precisava fazer as coisas e eu comecei a estimular os alunos a aprender**. Então promovi um curso para remunerar o funcionário para que ele ensinasse os alunos e foi aí que alguns alunos aprenderam a mexer e a editar, eles se tornaram monitores do laboratório (Fernando Crocomo, 2022, professor, grifos meus).

A partir dos anos 2000, já é possível verificar nos créditos dos vídeos a presença dos monitores do laboratório, estudantes do curso que passaram a editar e finalizar os Trabalhos de Conclusão de Curso dos colegas, como foi o caso do egresso Luiz Tasso Neto.

O professor na época era o Fernando Crocomo e a gente logo de cara teve uma empatia, nós dois somos do interior de São Paulo e ele também tinha estudado na UFSC. Ele colocava a mão na massa mesmo e eu cheguei lá no laboratório e falei: ‘Ó, professor, tô aqui se precisar pra alguma coisa’. Eu lembro que um dia ele estava soldando uns cabos de microfone e eu perguntei se podia ajudar, ele duvidou, mas eu sabia soldar, aprendi com meu avô quando era pequeno. A partir disso, no terceiro semestre já surgiu a oportunidade de bolsa para ser monitor no laboratório. Eu fui monitor por uns dois ou três semestres, nisso eu aprendi edição linear, não-linear, os primeiros computadores estavam chegando na universidade (Luiz Tasso Neto, 2022, egresso de 2004).

10 Os operadores de câmera e editores de imagens que mais aparecem neste período (1989 a 1999) são Roger Gnecco, James Pereira, Ana Carine, Luis Ricardo Silva, Estela Moreira, Sérgio Brenner, Sérgio Severino, Carlos Henrique Guião e Valdimir Rocha.

Se olharmos para a produção do “Tempo da Comunicação Social”, veremos que existia nessa época uma diversidade de narrativas experimentais. Por seu caráter panorâmico, minha abordagem não vai destacar as singularidades dos TCCs individualmente, mas fazer uma análise generalizante para dar conta dos 39 documentários realizados entre 1982 e 2000. O mapeamento aponta que o ano com maior produção de documentários realizados dentro desse recorte temporal se concentra em 1992, totalizando 8 TCCs.

As questões sociais predominaram na temática dos documentários desse período. Foram trabalhos alternativos que questionavam a mídia e a própria maneira de se fazer jornalismo na televisão. Mais para o final dos anos 1990, a temática muda e se volta para questões de arte e cultura, com a preocupação de registrar os costumes, a história e os modos de fazer ilhéus.¹¹

Esses TCCs mais alternativos eram de um grupo que procurava refletir sobre o vídeo, sobre o audiovisual, ligados ao pessoal que depois de um tempo foi para o [curso de] Cinema. Na década de 1990, esse grupo de professores criou o Laboratório de Estudos Culturais [LEC] aqui dentro do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, que hoje é o Laboratório de Estudos de Cinema, está lá no curso de Cinema (Fernando Crocomo, 2022, professor).

Agente ainda era um curso de Comunicação em um Departamento de Comunicação, que ainda tinha um currículo no qual convivia a área de Cinema, professores de formação em Cinema e havia tanto orientações de trabalho na perspectiva da linguagem cinematográfica de ficção, quanto na área de documentários ou sobre reportagens, programas de televisão (Áureo Moraes, 2022, professor).

Destaco ainda que o primeiro TCC que trabalhou o assunto “gênero” foi o trabalho “Marco Aurélio é...Tânia”, do aluno Daniel Izidoro, em 1991. O documentário constrói o perfil da personagem central com uma entrevista mais centralizada nela – que é mulher trans – abordando temas como marginalidade, abusos, drogas e prostituição. É perceptível, ainda, o poder de convencimento que o estudante tem para que a personagem relate suas experiências. Intencionalmente, ouve-se a voz do acadêmico insistindo que Tânia conte sua história, fazendo ao mesmo tempo uma crítica ao modelo de jornalismo vigente e sensacionalista da época.

11 Documentários como: “Tronco das águas” (1997), “Sabor de memória” (1999), “Embalaiá” (2000), “Arrombassi” (2000), “Pão-por-Deus” (2000).



Figura 6 – Documentário “Marco Aurélio é... Tânia” (1991).
Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

Como Meihy e Seawright (2020) nos lembram, o trabalho de história oral temática, mesmo se concentrando num assunto específico, faz transcender outras lembranças pessoais que devem ser igualmente valorizadas na construção da história, ainda mais se tratando de um momento tão importante como a vida universitária dos nossos colaboradores egressos.

Eu tive aula com a Consuelo Lins, ela ficou pouco tempo. Dizem que ela passou por na banca de contratação por um equívoco [risos]. Porque havia uma forte ideia de que documentário não era jornalismo e ela entrou. A gente conversava muito sobre essa proximidade que ela tinha com o Coutinho, então eu tive essa disciplina que me clareou. O [professor] José Gatti falava também de documentário, *en passant*, mas falava (Viviane Peixe, 2022, egressa de 1997).

Nós baixamos mina para filmar. Nós fizemos entrevista com os mineiros saindo da mina, nós tínhamos que nos superar no valor humano porque as questões técnicas eram muito precárias. A parte do bar, foi filmada ali no bairro onde eu nasci, agora falando contigo vão vindo as lembranças da época do TCC (Mhanoel Mendes, 2022, egresso de 1986).



Figura 7 – Documentário “Os homens do carvão” (1986).

Fonte: Laboratório de Telejornalismo (Lab Tele/UFSC).

Desde o final dos anos 1980 é possível identificar sinais de uma questão que se tornou usual nos documentários realizados no curso: fazer diferente do que o telejornalismo tradicional estava fazendo na época. Nos anos 1980, a televisão desenvolveu uma diversidade de conteúdos que eram acompanhados pela sociedade através de icônicas telenovelas, programas de auditório, comerciais (propagandas) famosos, programas infantis, minisséries, programas de humor e o próprio telejornalismo que estava se consolidando. É possível aferir que a efervescência cultural, televisiva e imagética do momento histórico do Brasil contribuiu para que os alunos criassem e misturassem narrativas. Os alunos do “Tempo da Comunicação Social” queriam que seus TCCs passassem distantes dos padrões daquele telejornalismo que estava se estruturando.

Nós tivemos também uma disciplina de edição com um professor que veio da Universidade do Texas, o John, mal falava português. E ele mencionava que a edição para uma grande reportagem tinha um formato e edição para documental tinha outro [...]. A gente lia indicações ou a Aglair [Bernardo] emprestava para nós, **mas a gente sabia que a gente queria fatiar isso e misturar** (Viviane Peixe, 2022, egressa de 1997, grifos meus).



Figura 8 – Documentário “Drag Stories: Lendas e Babados” (1997).

Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

No Tempo da Comunicação Social (1982-2000), o documentário foi percebido como um produto alternativo, sendo muitas vezes questionado sobre a sua própria essência jornalística, afinal, ficava distante daquilo que o telejornalismo estava fazendo na televisão. Quando Viviane Peixe (egressa de 1997) diz que “havia uma forte ideia de que documentário não era jornalismo”, a egressa revela o caráter subversivo de fazer documentários na época. O questionamento sobre determinados vídeos era o mesmo: “Mas será que isso é jornalismo?”.

Analisando os vídeos desse período, percebe-se uma espécie de mix audiovisual. Os roteiros misturavam imagens (do cinema, da publicidade e do telejornal), sons e depoimentos que atendiam a basicamente duas frentes: a crítica e a histórica.

O trabalho “11111001000: O mundo num ZAP”, de Ivanildo Júnior, produzido em 1992, é um típico caso desse período, que mistura através de colagens, trechos de filmes, entrevistas com enquadramentos exóticos, trilhas sonoras variadas, trechos de telejornalismo, da publicidade e da cultura pop, que é estruturada sem vozes *off* ou *over*, construindo uma narrativa crítica com intuito de alertar sobre os riscos do excesso informacional na atualidade de 1991. Na figura seguinte, o artista plástico Fernando Lindote dando entrevista para o documentário em meio ao cenário de sua instalação que igualmente criticava os avanços da televisão.



Figura 9 – Documentário “11111001000: O mundo num ZAP” (1992).
Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

No Tempo da Comunicação Social, o documentário foi mobilizado a partir de experimentações, altamente subjetivas, utilizando ora abordagens mais poéticas, ora abordagens mais críticas. Nesse período é possível observar a tendência da mixagem extrema onde as entrevistas são intercaladas com muitos trechos daquilo que passava na televisão. Outra característica é a exposição das identidades das personagens, prostitutas, pacientes da Colônia Sant’ana, crianças abandonadas em orfanatos, pessoas em situação de rua, mutilados, adolescentes grávidas. Percebemos que nessa época não se tinha a necessidade de preservar a imagem das fontes, os TCCs em vídeo mostravam o rosto e o corpo das pessoas, fossem menores de idade ou não. Esses atributos podem estar relacionados à influência do Cinema Novo (estética da fome), que foi caracterizado por produções com poucos recursos feitas na base da resistência. O lema “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” reflete bem os primeiros anos do Tempo da Comunicação Social que se sobressai no seu capital humano, já que sua formação crítica privilegiava o estudante “não ser um *office boy* de luxo da grande elite”, como enfatizou Mhanoel Mendes, egresso de 1986.

Essas características mais críticas, no entanto, vão perdendo força no final dos anos 1990 e no ano 2000 a produção de documentário se volta para as questões culturais e históricas locais. Além disso, como afirmou Frighetto (2016, p. 135), “com as relações pessoais desgastadas, esses docentes [mais alternativos e ligados aos Estudos Culturais]

deixaram o departamento a partir do fim da década de 1990”, o que corrobora com o relato do professor Áureo Moraes (2022) quando aponta que essa “cisão reorientou um pouco os TCCs e provavelmente isso passa a ser observado a partir dos anos 2000”.

TCCs no Tempo do Jornalismo [2001-2021]

O *corpus* de análise deste recorte temporal compreende 126 documentários, 66 reportagens em vídeo¹² e 33 vídeos classificados como “Outros”¹³ que abrangem vlogs, canais de YouTube, programas de TV, programas e programetes, institucionais, plataformas multimídia, telejornais. Mesmo que o foco esteja na produção de documentários, a memória dos colaboradores da pesquisa ultrapassaram os produtos e formatos pois dão a ver a experiência de cada um na realização de audiovisuais, que se tornou um dos pontos fortes e de maior investimento no curso. Um exemplo disto foi a questão do Fundo de Reparamento de Laboratórios,¹⁴ criado pelo Ministério da Educação no ano 2000 e lembrado por alguns colaboradores da pesquisa. Em 2003, a UFSC recebeu mais de R\$ 5 milhões revertidos em câmeras de vídeo, mesas de som, retroprojetores, projetores multimídia, gravadores, entre outros, dos quais muitos foram destinados ao curso de Jornalismo, em mais um passo na transição da era analógica para a era digital.

Mais ou menos em 2002, 2003 que chegaram os equipamentos do ‘Fungradão’, chegaram as câmeras pequenas, mais baratas. Aí sim chegaram câmeras boas com equipamentos mini DV [Digital Video], vários DVDs que ficaram na redação, câmeras da Sony, câmeras da JVC, câmeras de estúdio novas, foi uma revolução! (Fernando Crocomo, 2022, professor).

Foi uma compra internacional a partir dos levantamentos de necessidade das universidades para laboratórios do curso de graduação. Estávamos na fase do Super VHS e aí a gente passou para o MiniDV, que era mais moderno. No caso do rádio eram gravadores digitais MDs, e no caso da foto eram as antigas Navitas (Áureo Moraes, 2022, professor).

Sem dúvida essa modernização contribuiu para o aumento do número de vídeos em TCCs, mas para nós essa produção de vídeos já começou antes do boom digital

12 Ver Apêndice 1 (p. 155), acessível pelo QR Code da Figura 1.

13 Ver Apêndice 2 (p. 167), acessível pelo QR Code da Figura 1.

14 Chamado por “Fungradão”, o Fundo de Reparamento de Laboratórios fazia parte de um programa de modernização das instituições federais de ensino.

porque não era comum outros cursos fazerem vídeo em TCC e nós aqui já fazíamos. [...] Começou a ser possível editar em PC [personal computer]. O PC era uma máquina mais barata que usava [um programa de edição chamado Adobe] Premiere e aos poucos a gente foi implementando tudo isso. Então, se você olhar e notar que existe um aumento significativo de TCCs em vídeo foi por isso, facilitou muito, foi um caminho sem volta (Fernando Crocomo, 2022, professor).



Figura 10 – Laboratório de vídeo e equipamentos atuais.
Fonte: Fernando Crocomo (Arquivo pessoal).

Além da infraestrutura, outro fator que pode ter contribuído para o aumento dos documentários em TCCs no período 2001-2021 foi o surgimento do YouTube em 2005, uma plataforma de difusão dos conteúdos, antes restritos a poucas exibições. Até 2005, havia um equilíbrio entre a quantidade de reportagens e documentários anualmente, mas a invenção do YouTube, que garante o compartilhamento e a veiculação dos trabalhos gratuitamente, de certa maneira formata a preferência por TCCs em documentário a partir de 2006. Nesse período (2006 a 2017), a produção de reportagens diminuiu consideravelmente

Num segundo momento, ao assistir os trabalhos de conclusão e, mais especificamente, ao assistir os documentários, constatamos que, principalmente desde 2001, existe uma certa indefinição que vai sendo observada até o momento atual, a indefinição do formato. Em parte da produção de TCCs desse período não se percebe nem o protagonismo do autor e nem a mediação do repórter, ou seja, não se pode dizer, com certeza, que se trata de um documentário, mas também não possui todas as características da videoreportagem. Isso demonstra que, por um lado, existe falta de clareza por parte dos discentes em relação aos gêneros e formatos de produtos jornalísticos, mas por outro, indica o **hibridismo de linguagens**, um misto de documentário com um pouco de reportagem. E mesmo que essa seja uma experimentação mais conservadora/moderada, se comparada às experimentações feitas no Tempo da Comunicação Social, é ainda perceptível o desejo de fazer algo diferente.



Figura 11 – Documentário “Torre de Babel” (2007).
Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

A narrativa nos documentários nessa fase se estabelece muito mais próxima da retórica e da subjetividade, pois o estudante já sabia previamente de qual perspectiva ele falaria, ele não só reporta os fatos, como se posiciona diante deles para que as pessoas conheçam aquela história da perspectiva dele. “Para mim o documentário tem que ter essa essência da criação, da autoria bem demarcado” (Viviane Peixe, 2022, egressa de 1997).



Figura 12 – Documentário “PM Sílvio: a Noite em que SC parou” (2009).
Fonte: Laboratório de Telejornalismo (LabTele/UFSC).

O ano com mais realizações de documentário no Tempo do Jornalismo foi 2017, não à toa. A turma de formandos daquele ano acompanhou, durante seu período de graduação, situações políticas e sociais que marcaram suas histórias. Em 2014, ocorreu o episódio conhecido como Levante do Bosque, um protesto dos estudantes contra a repressão policial dentro da UFSC ocasionado pela prisão de um estudante que estaria portando drogas e que foi pego por policiais à paisana que investigavam o tráfico dentro do *campus*. O confronto que envolveu policiais (federais e militares), estudantes e professores da UFSC dentro da universidade foi amplamente divulgado, alguns alunos de Jornalismo, inclusive, fizeram a cobertura do evento.

Já em 2015, foi a vez do movimento Vem pra Rua, que se valeu da luta contra a corrupção e contribuiu para a notoriedade da extrema direita no Brasil. Um ano depois, Dilma Rousseff, primeira mulher a ocupar a Presidência da República, sofre um golpe de estado e é afastada do cargo, mesmo ano que é introduzido no currículo do curso a disciplina Gênero e Diversidade, que passou a ser obrigatória um ano depois. O ano de 2017 foi também marcado pelo suicídio do então reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Luiz Carlos Cancellier, preso um mês antes pela Polícia Federal, na chamada Operação Ouvidos Moucos. Para essa turma de 2017, não bastava escrever, era preciso mostrar. Mostrar as desigualdades sociais,¹⁵ a intolerância de gênero,¹⁶ o protagonismo feminino.¹⁷ Já o ano de 2020, marcado pelo início da pandemia de Covid-19, não apresentou nenhum trabalho em documentário. As aulas remotas, o isolamento social e a fragilidade emocional dos alunos e professores impediram gravações externas, inclusive prorrogando prazos para entrega de TCCs e defesas de banca. No ano seguinte, o avanço da vacinação contra o coronavírus no Brasil e a adaptação às novas formas de entrevistar e gravar de maneira *online*, mudaram o cenário. A produção reprimida de 2020 fez com que em 2021 o número de documentários superasse a média de anos anteriores, totalizando 12 TCCs.

Eu queria também ir ao hospital, filmar o hospital que iria trazer bem a parte documental, mas infelizmente quando eu produzi meu TCC coincidiu ser na mesma época da pandemia, que a gente não podia filmar áreas externas, muito menos um hospital, né? Então acabou que eu tive essa limitação bem grande e fugiu um pouco do que eu estava esperando, mas no final deu certo. Eu tive que me adaptar à pandemia, fazer as entrevistas em *home office* [...] (Isabela Moya, 2022).

15 TCCs como “Cruzada São Sebastião”, de Ana Carolina Maximiano; “Ponta do Leal”, de Dener Alano e Amanda Reinert; e “Educação em dois tempos”, de José Djalma Júnior.

16 TCCs como “Depois do frevo” de Mateus Faisting; “Subversivas”, de Elva Obeso; “Transição”, de Lívia Rezende; e “Berro”, de Marina Simões e Paula Barbabela.

17 TCCs como “Mães de umbigo”, de Vitória Greve e Cintya Ramlov; “Sertão mulher” de Luiza Giombelli e Fernanda Struecker; “Passe a passe: o Flag Football Feminino no Brasil”, de Ariane Cupertino e Gabriela Bankhardt; e “Minas no Mic”, de Marina Juliana Gonçalves.

Como Maurice Halbwachs nos ensina (1990, p. 51), a memória individual é composta de construções sociais: “é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Em história oral, as memórias emergem de construções pessoais e padrões coletivos interligados.

A minha relação com o Fernando era praticamente de pai e filho, ficamos muito próximos, ele me viu soldando lá no laboratório, me abraçou e me levou até o final do curso, a gente batia muito papo, então eu aprendia muito fora da aula também, não só com ele, com vários professores (Luiz Tasso Neto, 2022, egresso de 2004).

As bancas em vídeo eram assim, um momento do curso, sempre vinha muita gente assistir, a participação das pessoas era muito diferente das bancas de outros formatos. Era um espetáculo (Ana Carolina Maximiano, 2022, egressa de 2017).

Posso dizer que abriu todas as portas, porque a partir da produção desse documentário, acabei entrando na antiga TVCOM, depois abriu portas para ir para São Paulo pegar maiores desafios profissionais. [...] Na época nem tinha rede social, então a gente foi criando um *networking* legal e isso contribuiu bastante (Luís Krieger, egresso de 2022).

Outra questão observada nos relatos dos egressos foi o sentimento de dívida moral, resultado do processo do documentário que os colocou diante de realidades sensíveis. De acordo com Halbwachs (2006), os quadros coletivos/sociais da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, mas representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado. Muitas vezes, o que se relata individualmente é o sentimento compartilhado de um grupo.

A escolha do tema favela foi meio que uma provocação para ir atrás de coisas que normalmente não iríamos. E a gente descobriu um universo que era um tanto delicado. A gente até já esperava isso, mas o que ficou aparente é que as pessoas que estavam sendo entrevistadas esperavam um retorno daquilo, um retorno que a gente não conseguiu dar. Eu depois de me formar voltei para São Paulo e não dei um *feedback* para os entrevistados, nós não mostramos o vídeo final ou simplesmente ver como estavam, acredito que era isso que eles esperavam. É uma coisa que me deixa um pouco ressentido hoje, foi tudo tão rápido, eu não tinha escolha na época (Luís Krieger, 2022, egresso de 2007).

Tem uma questão nesse processo que é assim: as minhas personagens nunca assistiram ao filme. Eu voltei por duas vezes e as pessoas não tinham mais o rastreio delas. A Mônica possivelmente faleceu não mais do que 6 meses depois do que a gravação do TCC e a outra, Jacqueline, também não consegui mais falar. Porque a ideia era a gente fazer a exibição no pátio do Pínel e isso nunca aconteceu (Luís Krieger, 2022, egresso de 2010).

Eu me sentia muito culpada como se eu tivesse usurpando a história de alguém, como se eu tivesse pegando aquela história para eu fazer um documentário, para eu crescer profissionalmente, para eu ter algo para apresentar. Hoje eu fiz super as pazes com isso. Sim, existe o lado egóico do jornalista, mas existe o outro lado também, a importância das pessoas contarem suas histórias. Hoje eu trabalho com isso, eu entrevisto pessoas, eu vejo isso, as pessoas gostam de falar sobre elas, sobre a vida delas, isso faz bem para elas, isso muda a história delas, sabe? Elas veem valor naquilo que elas estão vivendo (Vitória Greve, 2022, egressa de 2017).

Foi no Tempo do Jornalismo (2001-2021) que o documentário atingiu seu ápice, evoluindo e se fortalecendo enquanto prática dentro do curso de Jornalismo da UFSC. Entre 2001-2021, os estudantes foram influenciados por Eduardo Coutinho, ícone brasileiro do gênero, que tentava quebrar uma tradição de documentários expositivos e didáticos. Assim como Coutinho, os estudantes do Tempo do Jornalismo queriam suprimir a voz (*off e over*) e se colocaram para ouvir o que as pessoas tinham para dizer. Houve ainda um aumento significativo de TCCs, se comparado às reportagens ou outros tipos de vídeo, que assegura que a produção de documentários é um caminho sem volta e que, cada vez mais, os estudantes devem buscar a inovação e a criatividade nas suas narrativas audiovisuais.

Considerações finais

Muito mais do que falar sobre o lugar do documentário no curso, ganham destaque as pessoas e suas contribuições na construção desse legado. A história oral possibilitou nos colocar ora no lugar de estudante, prestes a entrar no mercado de trabalho, ora no papel dos docentes que são atravessados pelas inúmeras experiências e expectativas do mundo acadêmico. A alta demanda por documentários em TCCs do curso de Jornalismo nos fez, no decorrer da pesquisa, refletir sobre outras questões, frente aos hábitos de consumo dos jovens estudantes.

Esse novo público não só consome apenas aquilo que o interessa e no tempo que lhe é conveniente, como sua interação com os subprodutos derivados das reportagens (resenhas, repercussões, memes, *reacts*¹⁸ e comentários de outros usuários nas redes sociais) é simultânea, indicando que a linearidade do telejornal e conseqüentemente da reportagem para televisão limita e vai na contramão dos novos hábitos desses jovens. Este pode ser também um dos fatores que explica a diferença entre a produção de documentários (165 TCCs) e videorreportagens (89 TCCs) ao longo dos 40 anos do

18 *React* é um termo em inglês designado para o formato de vídeo popularizado no YouTube, onde o interlocutor comenta sobre qualquer produção audiovisual realizada anteriormente, que pode ser uma reportagem, um filme, um documentário, palestras, clipes musicais, lives, memes etc.

curso e o crescimento da produção de documentários dos últimos 10 anos, além de outros tipos de vídeo.

Aqui, retomamos a pergunta norteadora da pesquisa: Sendo o Trabalho de Conclusão de Curso uma oportunidade de “consolidar a experiência do(a) aluno(a) em relação aos diversos conhecimentos adquiridos durante o Curso” (UFSC, 2025, p. 1), **como que se deu a realização de documentários em TCCs no curso de Jornalismo da UFSC de 1982 a 2021?** Para respondê-la foi necessário considerar os paradigmas que envolvem o documentário dentro do jornalismo, aproximando os campos e chegando ao objeto de estudo. Através do retrospecto histórico, a análise demonstrou em dois tempos que, desde o surgimento do curso, o documentário foi realizado de diferentes maneiras, ora mais crítica, ora mais conservadora, ora mais retórica, ora mais isenta.

Analisando os dados relativos aos relatos de experiência dos colaboradores da pesquisa e os dados relativos ao mapeamento (período de 1982 a 2021), é possível indicar três pontos centrais na trajetória de produção de documentários realizados no curso:

1 - Intencionalidade de memória: Iniciativas como ensino, museus, patrimônios, tecnologia, projetos culturais e o próprio jornalismo tem se mobilizado para produzir e divulgar conhecimento histórico a partir de novas plataformas, na medida que fornecem informações e democratizam a história para os públicos de interesse. Os TCCs de Jornalismo herdaram uma característica dominante do documentário contemporâneo que começou com o Cinema Novo, “a missão de revelar o país aos próprios brasileiros” (Calil, 2005, p. 166).

2 - Processo criativo: A partir da colaboração dos professores e egressos do curso, podemos observar que o documentário é móvel, ora muito próximo da reportagem pela forma (encadeamento de entrevistas, ausência ou pouco off, ausência de passagem), ora distante pela temática e postura (documental, histórico, temas marginais, defesa de um só lado). A ideia de “dar a voz” é convertida em um modelo de documentário que faz um grande encadeamento de entrevistas com a justificativa de interferir o menos possível e deixar as fontes falarem por si. Nestes casos, é possível constatar que o estudante peca na profundidade da sua pesquisa e que o encadeamento literal das fontes é o único recurso disponível para ele, já que aparentemente não existe uma boa apuração, ou seja, o aluno se ancora na colagem de sonoras, apenas. Por outra perspectiva, os estudantes possuem certa dificuldade em fazer o tratamento criativo da realidade, pois pensam estar se distanciando demais do jornalismo e se aproximam do local seguro da reportagem, já que possuem muita experiência em telejornalismo. Em alguns casos, esse “sentimento de culpa” bloqueia a criatividade e não deixa com que o aluno expresse a sua autoria no vídeo, perdendo, assim, o equilíbrio entre a apuração jornalística (das fontes e do fato) com o processo subjetivo do estudante diante da realidade que ele encontrou.

3 - Disciplina específica: Diante do que foi dito pelos colaboradores discentes cruzado com o número de documentários realizados, percebemos que existe uma grande demanda de vídeos documentários em TCCs. Os alunos querem fazer documentários, mas não sabem exatamente como. Nessa situação, os estudantes acabam imprimindo as mesmas premissas utilizadas na reportagem de televisão, as quais dominam. “Eu sabia que o documentário era diferente, que ele tinha uma linguagem própria, eu só não sabia fazer [...]”, relatou a egressa Ana Carolina Maximiano (2022). Como pontuamos, existem sim aberturas para se discutir o documentário no curso. A disciplina optativa para discutir especificamente a teoria e a prática do documentário existe, mas acaba sendo pouco procurada por aqueles que decidem fazer documentários nos seus trabalhos finais, ou seja, por não ser em disciplina obrigatória, muitos alunos acabam não tendo esse contato. Os resultados nos mostram que muitos estudantes querem ou fazem documentários nos seus TCCs de Jornalismo e mesmo que essa discussão ultrapasse os limites do próprio jornalismo, mesmo que essa discussão se aproxime do Cinema, da Publicidade, da Literatura, da Antropologia ou da História, ela validaria e enriqueceria a formação profissional do acadêmico, fazendo com que ele tenha clareza e propriedade na hora de defender seu trabalho.

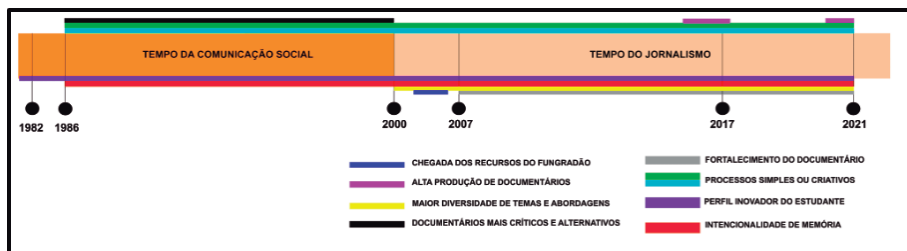


Figura 13 – *Timeline* do documentário em TCCs (1982-2021).
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Olhando para a *timeline* do documentário, constatamos que apesar dos TCCs do Tempo da Comunicação Social serem realizados de maneira mais criativa, do ponto de vista estético e político, os documentários do Tempo do Jornalismo são mais densos e mais bem finalizados, levando em conta especialmente a questão da qualidade de imagem, som e edição. A mobilização do documentário no Tempo do Jornalismo partia de quesitos técnicos como precisão, coesão, contexto e coerência. Já nos documentários do Tempo da Comunicação Social destacaria sua mobilização a partir da relevância e a contribuição da pauta para a sociedade da época, além da originalidade na abordagem do tema.

Em comum, os dois tempos possuem aquilo que é muito perceptível nas entrevistas dos TCCs, que é a qualidade e variedade de fontes. Em ambas as épocas, os estudantes buscaram a variação de fontes para seus TCCs: fontes oficiais, não

oficiais, especialistas, anônimos. Em contrapartida, os fatores (pouca) profundidade de pesquisa e (falta de) domínio da pauta também podem ser vistos nos dois tempos.¹⁹ Neste sentido, enfatizamos a importância da disciplina de Planejamento de TCC (JOR 6708) que dá aos estudantes o tempo necessário para a pesquisa (leitura) e mergulho no tema (referências). Quanto maior o domínio sobre a pauta, maior o poder de construção narrativa do aluno, que vai abrindo caminhos paralelos para contar sua história. Quanto maior for a “bagagem” do aluno, mais chances dele construir uma narrativa com estrutura criativa e autoral.

Como já mencionado, outro fator histórico e que dá perenidade é o perfil inovador dos próprios estudantes do curso, que, por terem uma formação acadêmica sólida durante a graduação e muita oportunidade de experiência em vídeo, chegam no último semestre querendo fazer uma “coisa diferente” e acabam optando pelo documentário, que passa a ser visto como um cartão de visitas do aluno, um produto de peso para seu portfólio profissional, além de uma experiência pessoal, única e inesquecível.

Aproveitamos para registrar uma preocupação em relação aos TCCs que abordam principalmente as questões de grupos marginalizados ou inviabilizados: o retorno que os estudantes dão ou não dão a eles. O documentário é um instrumento de luta ideológica e apresentar ou exibir o filme para aqueles que compartilharam suas histórias é fundamental, na medida que, como grupo, eles se apropriam do discurso e difundem o conhecimento construído.

O valioso acervo de documentários em TCCs revelou experiências estéticas que fundam novas discussões em torno do fazer jornalístico, desde a escolha de pautas, enquadramento, seleção de fontes, relações que se estabelecem entre jornalista e personagem, da montagem das narrativas e, por fim, das representações e sentidos que eles promovem e que, na maioria das vezes, incluem as imagens e palavras dos silenciados e invisibilizados, tomadas como uma forma de experiência política que se ocupam “do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (Rancière, 2009, p.17), pois essas personagens dificilmente estão inseridas em narrativas da mídia hegemônica.

Referências

BEZERRA, Júlio. *Documentário e jornalismo: propostas para uma cartografia plural*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

¹⁹ É possível verificar que nos dois tempos existem aqueles TCCs que se estruturam numa narrativa baseada na simples colagem de entrevistas, onde aparentemente há pouca apuração dos fatos, recurso que denominamos de estrutura simples.

CALIL, Carlos. A conquista da conquista do mercado. *In*: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (Org.). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 159-173.

CROCOMO, Fernando Antonio. *O uso da edição não-linear digital: as novas rotinas no telejornalismo e a democratização de acesso à produção de vídeo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – UFSC, Florianópolis, SC, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGHETTO, Maurício. *Uma escola de jornalismo: o poder e o saber na história do projeto pedagógico do curso da UFSC*. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – UFSC, Florianópolis, SC, 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 28., 2004, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: Anpocs, 2004.

SILVA, Gislene da. Relatório Final: inserção dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) do Curso de Jornalismo da UFSC no Repositório Institucional (digital) da Biblioteca Universitária. Relatório Técnico – UFSC, Florianópolis, SC, 2020.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de Jornalismo. *Regulamento para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)*. Aprovar o Regulamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo, para atendimento da Resolução nº 01/CNE/CES/2013, de 27 de setembro de 2013. Florianópolis: UFSC, 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ROSDFM3aeqRAH3FgQ62yy1d3kjMrOTbS/view>. Acesso em: 8 abr. 2025.

Fontes orais

CROCOMO, Fernando [jun. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 7 jun. 2022.

EMERIM, Cárlica [jul. 2022] Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 20 jul. 2022.

GREVE, Vitória [jun. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 8 jun. 2022.

GUIDOTTI, Flávia [jul. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 5 jul. 2022.

KNIHS, Luís [jun. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 13 jun. 2022.

KRIEGER, Rafael [set. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 13 set. 2022.

MAXIMIANO, Ana Carolina [jun. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 9 jun. 2022.

MENDES, Mhanoel [jun. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 8 jun. 2022.

MORAES, Áureo [jul. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 20 jul. 2022.

MOYA, Isabela [jun. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 8 jun. 2022.

NETO, Luiz Tasso [jun. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 13 jun. 2022.

PEIXE, Viviane [set. 2022]. Entrevistadora: Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, SC, 6 set. 2022.

Recebido em 25/02/2025

Versão final reapresentada em 31/05/2025

Aprovado em 09/03/2026

Conflito de interesses: nada a declarar.